

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo IX



A cerca de doze milhas a oeste das ruínas fumegantes da Abadia de Gardiens, uma figura solitária.

Caminhava deliberadamente sob os últimos raios do luar da manhã. Encurvado e carregado até o teto com os presentes mal adquiridos e enviados por Deus da cozinha da Abadia da véspera, Frei Nicolau carregava uma túnica monástica abarrotada, pendurada no ombro e repleta de provisões.

Nicholas subiu com dificuldade o cume de uma crista rochosa e apoiou-se no joelho, a respiração ofegante e densa no ar frio da noite. Lá, à distância, do outro lado da vasta extensão de um antigo leito de rio há muito seco, estava a entrada da caverna que ele descobrira muitos anos antes — Boca da Montanha, como ele a chamava. Desceu a crista com passos laterais, atravessou um vasto vale de pedras e entrou no enorme buraco negro.

Uma voz ecoou das profundezas da caverna: "Frade?" A risada sonora de um menino escapou da escuridão. "Eu sabia que você viria! Eu sabia!"

Nicolau respondeu, caminhando mais para dentro da escuridão: "Lázaro; sou eu—"

E antes que o monge pudesse se apresentar, Lázaro passou correndo por uma esquina rochosa e colidiu violentamente com ele. Tanto o monge quanto o escudeiro caíram no chão. Provisões

espalharam-se como uma roda de queijo que cambaleava pelo chão da caverna.

“Meu Deus! Lázaro”, resmungou Nicolau, “Você assustou o... oh, não!” O monge atravessou o chão às pressas, tateando no escuro enquanto revirava o saco improvisado. Lá dentro, encontrou o frasco de sangue intacto e lacrado. Soltou um profundo suspiro de alívio. “Graças a Deus”, murmurou, beijando o frasco e o guardando delicadamente entre os pertences.

“Frei Nicolau? Perdoe-me, frei.” Lázaro levantou-se e pegou a roda de queijo enquanto perguntava: “Onde está Frei Odino?”

“Já vou — ajude -me a reunir os materiais. Procure-os com o tato.”

Lázaro deslizou o queijo para dentro do saco, tomando cuidado com a garrafa que estava lá dentro, e uma lufada de aromas agradáveis emanou do pano. “Eu os recolherei, frade”, respondeu Lázaro, com a voz mudada, agora aparentemente abatida e pesada.

Nicolau ponderou em voz alta: “Se bem me lembro, há um bosque de árvores na encosta oposta desta montanha.” O monge levantou-se abruptamente e acariciou o queijo, aparentemente em contemplação. “Fogo, em primeiro lugar — precisamos de fogo.” Nicolau caminhou em direção à entrada da caverna. Lázaro estava imóvel como uma estátua, encarando o saco com cautela — como se algo estivesse terrivelmente errado com ele.

“Lázaro, vem comigo.”

“Sim, frade.” Lázaro desviou o olhar e seguiu Nicolau para fora da Boca da Montanha , ao longo de sua encosta mais rasa iluminada pelo luar.

“Até meus ossos estão congelados — para roupas tão modestas como as nossas, essa névoa da floresta é implacável.” Nicholas esfregou as mãos vigorosamente e girou, acrescentando: “Trouxe uma pequena lamparina a óleo, um pavio de corda e uma caixa de isqueiro com pederneiras. Agora, nós vamos ”

“Junte madeira morta e afaste esse frio úmido persistente.”

“Sim, frade.”

Por fim, no interior da caverna, Lázaro e Nicolau estavam sentados sobre dois rochedos baixos, com uma fogueira crepitante entre eles. Seu brilho alaranjado afastava o frio e revelava as dimensões subterrâneas vastamente irregulares da caverna. “Fogo, enfim”, disseram eles. Nicholas admirava as chamas que subiam, aquecendo as mãos. Ele olhou para a pilha de Ele colocou combustível ao lado e selecionou cuidadosamente alguns gravetos para adicionar à fogueira.

Lázaro espreitou através do fogo, inspecionando as botas de cano alto de Nicolau, finamente trabalhadas.

“Onde estão suas sandálias, frade?”

Nicholas deu uma risadinha. “Já foram. Gostou das minhas botas?” Nicholas as virou de um lado para o outro à luz da fogueira.

“Sim, eu aceito”, respondeu Lázaro.

Eu mesma os fiz. Aposto que você não sabia que eu já fui sapateira, sabia ?

“Não fiz isso, frade.”

“Por favor, chamem-me apenas *de Nicolau*, Lázaro.”

O menino assentiu com a cabeça. "Você sabe fazer sapatos, Nicholas?"

“De fato — e as melhores, inclusive. Este é o último par que fiz antes de vir para a Abadia.” Nicholas examinou suas botas. “Gostaria de ouvir sobre meus tempos de sapateiro?”

"Sim, eu faria", respondeu Lázaro, olhando para as suas próprias luvas de pé sujas.

“Então eu devo lhe contar.” Nicholas se ajeitou na pedra e se inclinou em direção às chamas, com os braços sobre os joelhos. “Quando eu era bem mais jovem, morei com meu pai e meu irmão mais velho em Efraim — uma pequena e pitoresca vila nos arredores do sul da Borgonha. Meu pai Ele era o sapateiro da aldeia — aprendeu com meu avô. Todos nós trabalhávamos na oficina, fazendo e consertando sapatos. Era a esperança do meu pai que meu irmão e eu pudéssemos continuar o comércio.”

"Mas, no fim das contas, meu pai ficou doente e não conseguia mais supervisionar a loja. Então, ele passou a depender de nós para mantê-la funcionando. Foi horrível — quase todo o trabalho recaiu sobre mim."

Lázaro perguntou: "Seu irmão não quis fazê-los?"

Nicholas balançou a cabeça: "Ah, sim, ele queria de todo o coração seguir os passos do pai. E estava ansioso para aprender. Mas Deus nunca quis que ele fosse sapateiro — tentativa após tentativa, ele nunca conseguia acertar. E quase sempre, eu tinha que ir atrás dele e refazer os sapatos que ele tentava consertar. Isso continuou por muito tempo; e na maioria dos dias, eu trabalhava até altas horas da noite."

“Você contou para o seu pai?”, perguntou Lázaro.

“Não.” Nicholas pigarreou. “Meu pai estava morrendo, meu irmão e eu estávamos nos matando como lobos e a loja estava falindo. Com o estado dele tão debilitado, eu não conseguia me obrigar a incomodá-lo.”

Lázaro percebeu as lágrimas que se acumulavam no sorriso forçado de Nicolau. "Muitas vezes me perguntei por que fiz o que fiz. Veja bem, como todas as manhãs, eu ia à loja, mas, na minha última ida, em vez de entrar, passei direto pela loja e simplesmente continuei andando — para longe da loja — para fora da vila — e, por fim, para fora da Borgonha."

Nicholas olhou para baixo e disse: "Deixei tudo para trás, exceto estas botas."

“Viajei bastante por um tempo, trabalhando em várias sapatarias para me sustentar. Mas, pouco tempo depois, o Senhor tocou meu coração em um sonho; Ele comoveu minha alma. Ele me chamou.”

sobre mim e guiou meus passos até a *Abadia dos Guardiões* — para buscar uma vida solitária a Seu serviço. E, de uma forma estranha, senti mais liberdade dentro dos limites daquelas paredes da Abadia do que jamais senti fora delas.” Nicholas balançou a cabeça, exibindo um sorriso peculiar. "Estranho."

“Mas e a sua família?”, perguntou Lázaro.

"Bem, pouco depois de chegar, escrevi para meu irmão. Não esperava que ele respondesse, mas respondeu, dizendo que nosso pai havia falecido pouco depois da minha partida. Depois, também fiquei sabendo que meu irmão vendeu a loja para pagar dívidas e... bem, ele pediu que eu nunca mais lhe escrevesse." Ele me culpa pela morte do nosso pai — por tudo isso."

Nicholas inclinou-se e atçou o fogo. "Odino me contou tudo, Lazarus. Eu sei por que você usa o capuz." A cabeça de Lazarus virou-se imediatamente para trás; e além das aberturas sem vida no capuz, brilhando no ângulo perfeito da luz do fogo, Nicholas avistou um par de olhos azuis profundos e inquisitivos olhando diretamente para os seus. "Não se preocupe comigo, Lázaro. Assim como com Odino e com seu pai, seu segredo está a salvo comigo." Lázaro voltou-se para as chamas, sem dizer nada.

"Pode falar comigo abertamente, Lázaro. Considere-me mais um amigo do que um frade." Nicholas enfiou um graveto no fogo e recostou-se em sua pedra.

"Tanto seu pai quanto Odino me disseram que você foi abandonada nos portões da Abadia de Gardiens pouco antes da minha chegada. E que você tinha uma doença respiratória que a impedia de sair das catacumbas. Nada disso era verdade, era?"

Por fim, Lázaro confessou: "Não. Mas meu pai me proibiu de dizer a verdade. Ele disse que Os outros frades poderiam me matar se eu lhes contasse a verdade sobre mim."

"Sua doença nunca foi causada pelo ar livre, como ele alegou — na verdade, foi causada pela luz solar — você tem uma grave doença relacionada ao sol, não é?"

"Sim."

"E o médico que Ivan chamou à Abadia de Gardiens para registrar sua doença para o Abade?"

"Nunca vi um médico. Talvez meu pai tenha providenciado para que alguém viesse me atender—"

"Agora entendi. Lázaro, seu pai falou a verdade — eles certamente teriam te matado."

Olhando para trás agora, consigo ver claramente. Seu pai te amava profundamente, Lázaro.

"Sim, ele fez; pois eu o amo."

"Onde seu pai o escondeu desde o seu nascimento?"

"Ele me encontrou na catedral e me escondeu nas catacumbas — na Cripta de Baston."

"Na própria Abadia?! Como ele conseguiu impedir que alguém te descobrisse?"

“Ele insistiu que eu permanecesse em silêncio — e que mantivesse a porta da cripta trancada. E assim o fiz.”

“Ele disse o quê?! Você sabia falar desde que nasceu?”

“Não. Meu pai me ensinou isso rapidamente.”

“E talvez você tenha aprendido rápido. Diga-me, quanto tempo você ficou escondido na cripta?”

“Talvez um ano. Depois, meu pai costurou uma máscara e uma túnica para mim e fingiu me encontrar abandonado do lado de fora do portão norte da Abadia — e eu fingi estar doente.”

Nicholas atçou o fogo enquanto acariciava o queixo novamente, refletindo sobre tudo o que Lázaro lhe contara.

“Você não se parece com os outros... quero dizer... pela sua aparência geral, sua estatura lembra a de um mero menino, e não a de uma besta. Se me permite perguntar, quantos anos você tem, Lázaro? Você tem mesmo treze anos?”

“Envelheci apenas sete anos.”

Nicholas balançou a cabeça, um leve sorriso nos lábios: "Impressionante.

Talvez a diferença entre a idade que você disse e a sua idade real tenha servido para esconder seu tamanho incomum. Como seu pai era astuto. Agora sei que suas costas não são realmente *curvadas*, como os boatos na Abadia poderiam sugerir."

São asas escondidas e secretadas, certo?

Lázaro levantou-se abruptamente. "Não desejo falar mais nada, Nicolau."

Nicolau o acalmou: "Perdoe-me. Não, sente-se! Não falarei mais sobre sua condição. Sente-se, se quiser, filho." Lázaro sentou-se.

“Devo dizer que sempre te admirei, Lázaro. Você nunca foi como os outros escudeiros — questionando sua fé e seu dever, como a maioria deles fazia com frequência — e discutindo por assuntos insignificantes. Você sempre foi calmo, conhecia seus deveres e pensava bem antes de falar.”

Lázaro virou a cabeça para o saco de provisões estendido no chão da caverna. "Frei Odino disse que viria me buscar, mas você veio em seu lugar. Por que trouxe o sangue dele em um frasco?"

“Como você sabia?”

“Eu sinto o cheiro dele — é realmente Odino. Por que ele derramou seu sangue? Por que você o tem agora?”

Nicolau se remexeu inquieto, seus olhos alternando entre o saco e Lázaro.

Respirou fundo e se endireitou sobre a rocha. "Há algo que preciso lhe dizer, Lázaro."

“Frei Odino está morto?” perguntou Lázaro.

“Sim, ele é Lázaro.”

Lázaro engasgou. "Mas como?"

“Aquele capitão... o mesmo homem que matou seu pai.”

“Por que ele os matou?”

“Porque Ivan e Odino te protegeram.”

Um silêncio se abateu sobre a caverna, enquanto ambos fitavam as chamas. Lázaro falou: "Então eu deveriam matar esse capitão por sua vez."

“Não, Lázaro. Não matarás.”

"Olho por olho!", cuspiu Lázaro.

Você não está falando sério, está?

Lázaro deixou os ombros caírem. "Não, mas eu sinto."

“Eu sinto o mesmo — Odino foi como um pai para mim. E é por isso que estou aqui agora.

Há algo muito importante que você precisa fazer.”

“Fazer o quê?”

Nicholas se levantou, caminhou até o saco e começou a remexê-lo. "Você sabe ler um mapa?"

“Sim, eu sei. Meu pai me ensinou.”

“Mapas das catacumbas?”

“Eu vi os mapas no scriptorium. Ainda me lembro deles.”

Nicolau retirou um pergaminho dobrado do saco.

“E quais mapas específicos você se lembra de ter visto?”

"Todos eles."

“Não, quantos seu pai trouxe para você ver?”

“Certa vez, pedi ao padre um mapa novo e ele disse que já me havia mostrado todos os mapas do scriptorium.”

Nicolau ficou de pé, coçando a cabeça. “*Todos eles?* Deve haver centenas de mapas no scriptorium. *Todos eles;* meu Deus.” Nicolau olhou para o chão da caverna, acariciando o queixo novamente antes de perguntar: “Diga-me, Lázaro; dentre esses muitos mapas da Abadia, você se lembra de algum país chamado *Itália?*”

Lázaro apontou para sudeste. “É ali — naquela direção — do outro lado do Golfo de Leão e do Mar Tirreno; a leste da Ilha da Sardenha. A Itália tem o formato da sua bota. É

Rodeada principalmente por mares, com montanhas que atravessam seu centro. A província da Úmbria também está localizada em seu centro. O Mosteiro de Cancellio fica ali, ao norte do centro.

Nicolau ergueu a sobrancelha, completamente perplexo. Então, ele testou ainda mais Lázaro.

demonstrou habilidade, numa tentativa astuta de desorientar e talvez questionar suas próprias lembranças geográficas; “E quanto ao Reino da Escócia?”

Lázaro apontou na direção oposta, noroeste. “É por ali — atravessando um pequeno trecho de água; e ao norte das terras inglesas.”

“E onde fica a minha casa, Lázaro?”

“A vila de Efraim fica no sul da Borgonha”, disse Lázaro, apontando um pouco para o leste.

“É assim mesmo.”

“E Murat?”

“Por ali.”

Nicholas balançou a cabeça. “Absolutamente impressionante.” Ele assentiu. “O Senhor te abençoou com um dom extraordinário.”

“Por que me perguntas sobre esses lugares?”, questionou Lázaro.

Nicolau respirou fundo, voltou para sua pedra e entregou o pergaminho dobrado a Lázaro. Lázaro abriu e examinou-o. A página continha uma ilustração da França, da Itália e dos países e mares vizinhos. “Eu me lembro exatamente deste mapa.”

“Imagino que sim, já que veio do mesmo scriptorium da Abadia. Escute-me, Lázaro.”

Vim não apenas para trazer provisões para vocês, mas também para atender ao último pedido de Frei Odino.

Ele deseja que você vá para a Itália — para o *Mosteiro del Cancellò*, na Úmbria — e você já demonstrou saber onde ele fica. Lá, você deverá chamar o Frei Salvitino, um monge idoso muito versado nos detalhes relativos à Gatesone.

Lázaro lembrou-se de sua conversa com Ivan — e da carta e do favor que lhe deviam.

“Você deve dizer a ele—”

“Ir para a *Itália?*!” Lázaro interrompeu.

“Deixe-me falar, Lázaro. Você deve dizer a ele que a Pedra de Entrada da Abadia de Gardiens foi aberta. Diga a ele que você é filho do Frei Ivan Gogu — da Pedra de Entrada. Ele o reconhecerá por essa referência. Além disso, eu trouxe um frasco de sangue. Você deve entregá-lo a Salvitino, e diga -lhe: 'É o sangue do Frei Odino. Então ele saberá o que fazer com ele.'”

“Não. Não, eu não posso”, balbuciou Lázaro, balançando a cabeça.

Nicolau prosseguiu: “Você deve buscar Frei Salvitino, contar-lhe essas coisas e trazê-lo de volta à Abadia. Frei Odino disse que é o frade mais velho e mais antigo da Abadia.”

Ele é membro do Conselho Inferior e talvez o único monge sobrevivente na Abadia de Gardiens e no Mosteiro de Cancellò que possui o conhecimento necessário para trabalhar com a Pedra Fundamental através de

suas inscrições traduzidas — para fechá-la corretamente novamente. Ele também pode ajudá-lo com outra questão pessoal.

Assim que entregar o frasco ao seu falecido pai, você deverá respeitar os desejos dele.

Tenha cuidado para não quebrá-lo no caminho. Seu pai ficaria orgulhoso.

Lázaro levantou-se abruptamente, atirou o mapa no chão da caverna, afastou-se do fogo e voltou-se para Nicolau. "É muito longe. Pai disse o sol — por que você não vai buscar esse frade e trazer-lhe o frasco, já que você sabe dessas coisas?"

"Não posso. Uma senhora está me esperando."

"Uma senhora?"

"Até mesmo a minha futura esposa, Marta, está à espera. Venha. Sente-se, Lázaro. Por favor. Contarei a você sobre a minha querida Marta."

"Mas você é um... você não tem votos de celibato e abstinência a cumprir?" Lázaro voltou para o fogo e sentou-se.

Nicolau rejeitou a pergunta de Lázaro. "Ela mora em Murat — viúva do falecido sapateiro da aldeia, que Deus o tenha. Gostaria de saber mais sobre ela?"

"Sim, eu aceitaria." Lázaro suspirou.

"Conheci Martha num acidente muito estranho." Nicholas tentou dar uma risadinha antes de continuar. "Bem, não totalmente. Eu sempre me sentia atraído pelas sapatarias locais quando o Abade Vonig me enviava para uma nova igreja na aldeia — o sapateiro convicto que existe em mim, entende?"

"Há cerca de um ano, o Abade me enviou a Murat para ajudar a supervisionar os reparos na igreja local. Como era de se esperar, o sapateiro curioso que existe em mim despertou, e fui até a sapataria local. Infelizmente, assim que abri a porta, uma bota arremessada me atingiu no rosto." O calcanhar daquele sapato foi a última coisa de que me lembro — até acordar.

"Quando recobrei a consciência, meus olhos se depararam com uma visão belíssima." Ele deu uma risadinha e acariciou o queixo. "Pensei que estivesse morto, pois acima de mim pairava o rosto de um anjo — era minha querida Martha, limpando meu nariz inchado com um pano úmido. Ela cuidou do meu rosto enquanto conversávamos."

"Mais tarde, descobri que ela pretendia atirar a bota na porta, mas meu rosto entrou no caminho. Depois que o marido morreu, ela lutou para manter a loja funcionando. Ela dizia aos clientes que outro homem vinha à noite consertar os sapatos, quando na verdade era ela mesma quem fazia o serviço. No entanto, o boato se espalhou pelas congregações religiosas da vila e várias mulheres secretamente esperavam que esse homem aparecesse. Soube que, pouco antes de eu chegar à loja, várias mulheres a haviam deixado, acusando-a de ser a verdadeira sapateira e dizendo que contariam a todos os clientes que uma mulher havia consertado seus sapatos."

No dia seguinte, as esposas pediram aos maridos que trouxessem sapatos que precisavam de conserto. Depois, ficaram de olho nela. As mulheres podem ser assim — até mesmo rancorosas, se forem teimosas.

Enfim, o sapateiro que existe em mim a salvou. Eu disse para ela abrir bem a porta e comecei a trabalhar enquanto ela saía. Fiz muito barulho — batendo, esmurrando e coisas do tipo.”

Nicholas riu. “Você devia ter visto as caras delas. A loja cheia de mulheres intrometidas, de boca aberta. Fingi não notar enquanto consertava um sapato após o outro — imaginei que já tivesse perdido o jeito da arte, mas me movia como um cavalo certo, cada conserto perfeito. Uma delas teve a audácia de me perguntar se eu sempre tinha consertado os sapatos da Martha. ‘Claro que sim, mulher’, respondi. ‘Ou você achava que os sapatos se consertavam sozinhos?’ Ela não ousaria questionar um monge mais a fundo.” Ele riu de novo. “Martha perguntou se eles tinham mais sapatos para o ‘padre sapateiro’ dela. Ah, a expressão no rosto deles quando saíram da loja! Virei as costas para esconder o riso.”

“Não darás falso testemunho, Nicolau”, interrompeu Lázaro.

O sorriso sumiu do rosto de Nicholas. “Bem, eu não ia ficar parado enquanto Martha caía.” Aos lobos. Às vezes, precisamos avaliar quando uma verdade destrói mais do que uma mentira pode consertar. Sim, eu menti, Lázaro. Foi, devo confessar, a mentira mais doce que já fui forçado a contar.

“Como assim?”

“Martha e eu nos aproximamos bastante no último ano. Eu a ajudei na loja. Ela me prometeu a mão em casamento. Ela vai vender a loja e concordou em voltar comigo para minha antiga aldeia na Borgonha. Finalmente estou voltando para casa. Espero me reconciliar com meu irmão e propor que nós três abramos uma sapataria — talvez compremos a antiga sapataria do meu pai, se conseguirmos.”

“Então, você terá quebrado seus votos sacerdotais, não é?”

“Não, Lázaro. Terei consertado o que quebrei ao me tornar sacerdote. O Senhor nunca quis que eu permanecesse monge. Agora eu vejo isso. Ele me disse para parar de me esconder — para deixar os muros da Abadia — para voltar para casa e corrigir meus erros do passado.”

“Não entendo”, respondeu Lázaro.

“O Senhor muitas vezes age de maneiras peculiares, Lázaro. Nem mesmo eu entendi o Seu chamado.” Até que Martha me atingiu com aquela bota. E desde então Ele abriu meus olhos para minha verdadeira vocação.” Nicholas baixou a cabeça: “Eu só queria que meu pai ainda estivesse vivo para me receber de volta.” Ele adoraria Martha.”

“Talvez você acredite que o Senhor o guia agora apenas porque ama Marta — e que deseja isso com tanta intensidade que talvez acredite que a Vontade de Deus o conduza? Por que o Senhor o levaria para longe, para ser um frade, apenas para depois o trazer de volta para casa?”

“Talvez para me encontrar, Lázaro. Muitas vezes me perguntei o mesmo, e ainda assim o ouvi falar comigo — em meu coração, sei que Ele me guia.”

“E Ele também te disse para mentir às mulheres em Murat, frade?”

Nicolau franziu a testa. "Não." Ele mudou de postura, demonstrando crescente frustração. "Diga-me, Lázaro: você sente que está tentando obedecer à vontade de Deus?"

"Eu faço."

"E você estava obedecendo à Sua vontade quando mentiu para a Abadia, fingindo ter uma doença respiratória?"

"Fiz o que me mandaram." Lázaro baixou a cabeça.

"Eu respeitava muito seu pai, Lázaro. Não questiono o julgamento dele no que diz respeito a você, mas preciso perguntar: por que você acha que ele mentiu para todos sobre você?"

"Para me proteger de todo mal. Ele é meu pai."

"Como eu menti para proteger Martha de qualquer mal."

"No entanto, eles não teriam matado Martha se tivessem descoberto a verdade sobre ela."

"Uma mentira não é uma mentira, seja qual for a perspectiva? Nessas circunstâncias, fiz o que entendi ser certo, e o ato, por mais errado que parecesse, foi para o bem maior. Você ainda é um... você tem muito a aprender, Lázaro."

"Talvez", respondeu Lázaro secamente. Ele fitou as chamas dançantes, recordando sua conversa anterior com um prisioneiro que jurava pela Verdade e que se identificou apenas como: "pobre homem em Cristo". Ele refletiu que, a essa altura, o homem já havia confessado toda a sua verdade e fora "queimado até os ossos" por isso.

"Então, o que é essa *Pedra de Entrada*, Lázaro?"

"Você não sabe?"

"Eu nunca fui um frade do Conselho Inferior, nem tive acesso aos seus manuscritos — apenas um frade típico, como a maioria na Abadia."

"É um portão, mas de um tipo diferente. Não devemos falar dele."

"Para o inferno, você quer dizer?"

"Sim."

"Ouvi esses rumores, assim como muitos outros."

Lázaro se mexeu. Ficou apreensivo com as perguntas incessantes de Nicolau. Como membros antigos do Conselho Inferior, frades mais velhos, tanto Ivan quanto Odino teriam proibido veementemente qualquer discussão casual sobre tais assuntos, estritamente reservados aos sussurros enclausurados dos frades mais velhos. Diante do interrogatório aparentemente implacável, as suspeitas de Lázaro em relação ao frade aumentaram.

Nicholas prosseguiu: "E tem mais: corre o boato de que uma *Mulher-Espectro* assombra o local. " Os jardins da Abadia — Ela se refugia em sonhos. Será que vem disso — Gatestone?"

“Ela é, bem... hum... Nicholas, você não vai contar aos soldados que eu me escondo em Mountain Mouth, vai?”  
você?”

“Não precisa se preocupar, Lázaro. Não tenho intenção de voltar à Abadia – ela foi completamente destruída pelo fogo e pelo desabamento.”

Lázaro interrompeu: "Você precisa dizer a alguém para ir buscar Frei Salvitino — para fechar o portão! Não há ninguém na Abadia?"

Nicholas balançou a cabeça. "Nunca mais colocarei os pés dentro das paredes carbonizadas da Abadia. Sabendo o que sei agora, não tenho nada a ver com o Inferno, nem com o Portão do Inferno, nem com a legião de soldados impiedosos dos quais mal consegui escapar. Não, vou para Murat buscar Martha. E deixaremos este lugar perverso para trás."

“Como não se perturbar se a Pedra de Entrada estiver aberta?”

“Eu me importo, sim. O fato de eu me importar é uma grande parte da razão pela qual dei minha palavra a Odino de que viria à caverna e entregaria seus mantimentos. E, como homem de palavra, eu os levei. Ele expressou seu desejo e contou tudo o que queria que você soubesse — bem, quase tudo. Há mais. Frei Odino me fez jurar que eu lhe pediria a sua palavra. que você busque Frei Salvitino e o traga de volta ao portão aberto da Abadia para que ele tente selá-lo novamente.”

“Minha palavra?” Lázaro afastou-se da pedra e levantou-se. “Não posso dar minha palavra a isso!”

Eu não consigo fazer isso!

“Odino disse que esperava que você respondesse como seu pai responderia. Essas foram as últimas palavras que ele me sussurrou, Lázaro — que você seria seu pai e muito mais.”

“É demais.”

"Entendo", disse Nicolau, baixando a cabeça e fitando as chamas. Lázaro permaneceu paralisado.

"Entender o quê?", perguntou Lázaro finalmente.

"Eu também não conseguiria fazer isso, mesmo se Odino me pedisse — Martha e tudo mais."

"Só isso? E a Pedra de Entrada continua aberta?" perguntou Lázaro, dando de ombros.

“Fiz tudo o que Odino esperava de mim. O resto ele espera de você. E como você fez sua escolha — infelizmente, presumo que a Pedra do Portal permaneça assim.”

“Mas você sabe que eu não posso, Nicolau. Não posso andar na luz. Não posso ir a pé até a Itália — é longe demais. Frei Odino me pede o que eu não posso fazer. É demais, frei!”

Nicolau ergueu a cabeça e fixou os olhos em Lázaro: "Ele nunca teve a intenção de que você fosse a pé até a Itália." Um silêncio sepulcral tomou conta da caverna.

Lázaro finalmente falou: "Não posso fazer o que vocês possam imaginar."

“Você já tentou?” Lázaro não disse nada. Nicolau pegou um graveto fresco da pilha de lenha e enfiou a ponta no centro do fogo, girando-o cuidadosamente até que as chamas se intensificassem. “Talvez eu possa convencê-lo do contrário.” Nicolau ergueu a tocha acesa e se levantou. “Venha.” Ele se virou e seguiu para o interior da caverna, em direção à estreita abertura de uma gruta. Lázaro o seguiu.

“Sabe, descobri esta caverna pouco depois de chegar à Abadia.”

“Boca da Montanha”, acrescentou Lázaro.

Você também viu — o rosto nas rochas?

“Sim, eu viajei. Mas, Nicholas, por que você estava viajando tão longe da Abadia?”

“Refletindo; considerando as coisas. Buscando a mim mesmo, eu acho. Gosto de caminhar e refletir sobre as coisas.”

“E você se encontrou?” Lázaro perguntou-lhe. Nicolau percebeu o sarcasmo em sua voz. palavras.

“Encontrei a Boca da Montanha.” Nicholas riu. Eles entraram pela passagem da gruta. Nicholas se abaixou enquanto continuava com a tocha; e Lázaro o seguia, sempre atento ao teto rochoso baixo entre eles.

“Para onde vamos?”

“Avante. Venha.”

“Eu já imaginava isso”, resmungou Lázaro. Nicolau deu uma risadinha. Os dois se arrastaram. através da passagem. Suas paredes finalmente ruíram, revelando uma vasta caverna, cujo ar úmido exalava um odor pungente. Com um círculo de luz iluminando o chão ao redor deles, caminharam até o centro. “Que cheiro é esse?”, perguntou Lázaro. “Há algo aqui dentro.” Lázaro vasculhou a escuridão.

“Sim, seus professores. Eles podem te ensinar a voar, Lázaro.” Nicolau parou e se virou.

“Quem? Como?”

“O melhor jeito.” Nicholas ergueu a tocha, revelando o teto alto de uma caverna completamente repleto de morcegos-ferradura-grande. Lázaro ficou maravilhado, observando as formações da caverna superior enquanto dez mil olhos negros e brilhantes o encaravam.

“Ratos?” perguntou Lázaro. Vários morcegos desceram do teto e começaram a circular a caverna.

“Olhem!” Lázaro apontou para eles, “Eles estão voando!”

“Sim, são. São morcegos. E os morcegos voam. Eles saem da caverna quando o sol se põe. Comem e voltam antes do amanhecer. Agora descansam. Sempre fui fascinado por morcegos.”

“Morcegos... como pássaros”, murmurou Lázaro para si mesmo, hipnotizado e olhando fixamente para o teto.

“Os morcegos são diferentes dos pássaros. Os morcegos voam à noite, quando os pássaros descansam. E durante o dia, os morcegos Descansam quando os pássaros voam. Com o nascer e o pôr do sol, eles se revezam no comando dos céus.”

Nicholas riu. "Fui eu quem o encontrou. Lembrei-me de Odino me dizendo que você queria ver um pássaro, então o trouxe para ele." Nicholas olhou fixamente para o teto.

**“Já estava morto?”**

“Sim, estava deitada entre algumas rochas ao longo da estrada da Abadia. Eu andava muito por aquela estrada — encontrei muitas coisas.”

"Posso ficar com a tocha?", perguntou Lázaro. Nicolau olhou para baixo e viu Lázaro com a mão estendida.

“Posso segurá-la mais alto para você, Lázaro.” Nicolau a ergueu o máximo que pôde para iluminar melhor o teto.

"Posso segurar a tocha?", perguntou Lázaro novamente. Nicolau baixou o olhar.

"Se quiseres." Nicolau entregou-lhe o bastão em chamas. Lázaro ergueu-o e caminhou pela gruta, inspecionando o teto enquanto Nicolau permanecia imóvel.

“E eles só voam à noite?” Lázaro respondeu, suas palavras ecoando pelo corredor. caverna.

“Só então”, respondeu Nicholas.

Após algum tempo, Lázaro e Nicolau voltaram para a caverna externa e reacenderam o fogo.

“Pergunto-te novamente, Lázaro—por Odino—por isso?”

“Eu não sou um morcego”, respondeu Lázaro.

“E Odino jamais pediria isso a um morcego”, respondeu Nicolau.

“E se eu disser que vou fazer algo — e depois não puder cumprir?”

“Quando contei a Odino sobre Martha e sobre meus planos de deixar a Abadia, ele me disse o seguinte: 'É melhor ter se comprometido e falhado do que ter falhado por falta de comprometimento.' Veja bem, Lázaro, a honra se baseia em ações, não apenas em palavras. O que ele lhe pediu foi, no máximo, que desse a sua palavra de que tentaria. Responda-me mais uma vez e não o incomodarei mais com o último pedido de Frei Odino.

“A Itália está tão longe ... e o sol?” Lázaro olhou para a entrada da gruta.

“Sua resposta, Lázaro?” Seguiu-se um silêncio.

Lázaro respondeu: "Sim". Do chão da caverna, ao lado de sua luva de pé, Lázaro pegou o mapa e o examinou: "Prometo apenas que tentarei *buscar* o frade, só isso".

Nicholas sorriu e deu um tapinha no ombro do menino. “E nada mais está sendo pedido de você, além de "Sua honrosa tentativa. Ivan ficaria orgulhoso de você." Lázaro fungou — só então Nicolau percebeu que Lázaro chorava por baixo da máscara.

“Qual é o problema?”, perguntou Nicholas.

“Não é nada, frade; eu farei isso.” Lázaro recompôs-se. “Vou buscar Frei Salvitino.” para que ele pudesse nos ajudar com o Gatesone.”

“Muito bem dito. Você é seu pai e muito mais.” O menino enxugou os olhos com a parte interna da máscara. “Está com fome? Tem bastante.”

“Sou eu”, admitiu Lázaro. Nicolau caminhou até o saco improvisado e tirou de lá rolos de pano com carne e pão. Pegou uma bolsa de água e serviu o jantar no colo de Lázaro antes de voltar ao seu lugar.

“Você não vai comer?” , perguntou Lázaro, olhando fixamente para as mãos e o colo vazios do frade.

“Estas provisões são *suas* — calculo que seja o suficiente para um mês para um rapaz solteiro, se insistir em fazê-las durar.” Lázaro olhou fixamente para ele. “Bem, então vá! Coma!” O rapaz devorou a comida.

Lázaro jantou enquanto Nicolau o entretinha com mais conversa — e o tempo passou. Finalmente, Lázaro terminou sua refeição e recolocou a rolha na bolsa de água. Nicolau a levou de volta para o saco.

“Coma pouco — e beba bastante água junto com a comida — isso enche o estômago”, disse Nicolau. instruiu, gritando por cima do ombro.

Lázaro seguiu. “Eu irei.”

“Bem, Lázaro; chegou a hora de eu partir para Murat. Por um tempo, você ficará em segurança na Boca da Montanha — ninguém se aventura por essas regiões remotas. Você tem um mês para se preparar para a sua jornada. Pratique o uso dessas asas que o Senhor lhe deu. Aprenda a usá-las com os morcegos lá em cima.”

“Você não deseja passar a noite aqui?” perguntou Lázaro. “Você poderia dormir e se sentir revigorado—”

“Não, Lázaro, eu preciso ir. Minha Marta está me esperando. Você se sairá bem; tenho certeza.”

Lázaro baixou a cabeça e os ombros.

Eles se abraçaram uma última vez e Lázaro olhou para fora da caverna enquanto Nicolau desaparecia atrás da colina. Ele voltou para a fogueira e jogou mais alguns pedaços de lenha seca. Sentou-se e se aqueceu enquanto refletia sobre os morcegos e o compromisso – a promessa solene que fizera de buscar o frade. Seus olhos se fixaram nas chamas. Por fim, Lázaro procurou a cruz de madeira de Ivan, que agora pendia de seu próprio pescoço. Ele a retirou e a girou entre os dedos, da mesma maneira que seu pai sempre fazia.

Em meio às chamas, ele avistou um besouro preto rastejando para fora de uma fenda no galho seco e fumegante; o inseto circulava cautelosamente pelas chamas dançantes enquanto descia pelo galho em chamas. O olhar de Lázaro acompanhou o inseto enquanto ele saltava para o chão frio.

a caverna e correu para uma distância mais segura. Parou, abriu as asas e voou em direção à entrada da caverna. Com o corpo aquecido, os membros cansados e o estômago satisfeito, começou a cochilar onde estava sentado. Sua cabeça balançava e se mexia, e ele repetidamente adormecia e acordava sobressaltado. Finalmente, deixou o calor aconchegante da fogueira e encontrou um recanto estreito na parede, onde se entregou ao último espaço confiável e familiar que lhe restava — esse mundo de sonhos em constante movimento.

~\*~

Durante a maior parte do dia seguinte, Lázaro explorou seu novo lar — uma catacumba escura de corredores sinuosos, superfícies irregulares e cavernas interligadas. O cheiro e o som de água pingando o atraíram, e ele subiu por uma passagem estreita que serpenteava montanha acima. A passagem se alargava em uma pequena caverna onde a maior parte do chão consistia em uma poça rasa de água alimentada por um gotejamento no teto.

Muitas vezes ao longo do dia, Lázaro espreitava pela entrada da caverna com os olhos semicerrados. Com os olhos fixos numa paisagem que ardia sob a luz do sol, e mesmo através das vestes, ele sentia o calor intenso que emanava do vale árido e pedregoso. Lázaro levou seus mantimentos para o interior da montanha, através da passagem estreita, até a gruta dos morcegos .

O crepúsculo chegou. Lázaro acendeu uma nova fogueira dentro da gruta; sua luz iluminou o teto e seus milhares de morcegos. Conforme a caverna aquecia e a fumaça do fogo subia contra o teto, o teto da caverna ganhou vida. E às centenas, morcegos desceram de seus poleiros e circularam a caverna. Cada vez mais deles enchiam o ar até que a caverna ficou repleta deles.

Lázaro deu uma risadinha. Levantou-se e estendeu os braços enquanto um turbilhão de asas o consumia. Elas pousaram em sua túnica e o sobrevoaram antes de alçarem voo novamente. Lázaro arrancou o capuz, revelando um largo sorriso. Guardou a máscara em seu cinto de corda enquanto morcegos rastejavam por seus cabelos. Lázaro caminhava em círculos com os braços cobertos de morcegos erguidos. E suas risadas se transformaram em gargalhadas que ecoaram pela caverna. Em um tornado de asas batendo, Lázaro valsava pela gruta, rindo histericamente e cambaleando como um Odino bêbado.

Do lado de fora da caverna, sobre as colinas douradas da província de Auvergne, no leste do país, desenrolou-se um drama maravilhoso, invisível e efêmero: de todas as montanhas da França, a lua nascente parecia lançar um sorriso melancólico apenas sobre uma pessoa: uma estranha de aparência exterior.

A montanha, com a boca escancarada em riso histérico, expelindo nuvens ondulantes de morcegos que infestavam sua face rochosa. Contudo, os morcegos logo deixaram as copas das árvores e desapareceram; e o riso outrora ecoante da montanha lentamente se transformou em lamentos misturados de tristeza — em gritos terríveis de dor e solidão — em tormento sufocante e falta de ar. uivos de lamentação ininterrupta — e ruídos horrivelmente terríveis, tão profundamente perturbadores — que chegam a fazer a lua olhar para baixo e chorar pelo uivo da Boca da Montanha.

*[Fim do Capítulo 9]*



Esta obra literária foi criada

e exclusivamente em dedicação de

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~